

Clipping



Setembro 2016

rtm.net.br

Relações com cliente: (21/11) 2102-7828 • NOC: 0800 704-1021

SÃO PAULO: Rua Libero Badaró, 377 • 11º e 22º andares • Centro • CEP 01009-000 • Tel.: (11) 2102-7860 • Fax.: (11) 2102-7878

RIO DE JANEIRO: Av. República do Chile, 230 • 7º andar • Centro • CEP 20031-170 • Tel.: (21) 2102-7860 • Fax.: (21) 2102-7840

Veículo: IT FÓRUM 365

Data: 16/09/2016

Link: <http://www.itforum365.com.br/gestao/blockchain-pode-revolucionar-maneira-que-empresas-fazem-negocios>

Blockchain pode revolucionar maneira que empresas fazem negócios

Executivos de diferentes organizações discutem sobre benefícios e desafios que a tecnologia pode trazer para o mercado

“O blockchain é o início de uma revolução”. Foi assim Maurício Alban-Salas, chief enterprise architect do Itaú Unibanco, descreveu essa tecnologia que, ao mesmo tempo, assusta e instiga profissionais da TI de diferentes vertentes da indústria - especialmente a financeira. O executivo, junto com outros especialistas do mercado, se apresentou durante a Conferência Blockchain, idealizada pela RTM, em São Paulo.

A história do blockchain está intimamente ligada ao surgimento da moeda virtual bitcoin. Aponta-se que o conceito foi apresentado pela primeira vez por Satoshi Nakamoto (cuja real identidade ainda está em aberto), em um estudo publicado em 2008 que falava basicamente sobre um sistema de transferência virtual e descentralizado. Em 2009, desenvolvedores colocaram a ideia em prática e o blockchain surgiu como um livro-razão, com o intuito de registrar todas essas transferências realizadas no mundo com a nova moeda virtual, de forma que não pudesse ser violado ou alterado - o que está publicado lá permanecerá.

Uma das principais características do blockchain é a confiança, explica Edilson Osório Júnior, consultor de blockchain e CEO da Original My, empresa que usa a plataforma como protocolo para autenticação e registro de documentos digitais e assinaturas de contato. Para ele, mais do que uma plataforma descentralizada, que permite a transferência de valores entre duas partes sem violação, a blockchain também permite “eficiência em custo, desburocratização, governança autônoma e transparência” e, portanto, pode ser utilizada para outros fins que não a troca feita exclusivamente por bitcoin.

“Se blockchain faz coisas tão legais como registrar transações de forma imutável e com confiança, será que tem como fazer mais do que isso?”, disse ele, respondendo, em seguida, a questão citando como exemplo potenciais usos para a tecnologia como rastreamento de objetos físicos (como diamantes), votação, registros públicos (como imóveis e automóveis), recursos intangíveis (como marcas e patentes) além de usos para o mercado financeiro, como empréstimos e ações.

O executivo ressalta, no entanto, o uso para o mercado corporativo pode implicar em desafios como a questão de que nem todas as informações colocadas na plataforma poderiam ser publicamente divulgadas - o que poderia ser resolvido, sugere ele, com a inserção de uma camada para controle de acesso e criptografia para informações, permitindo que somente determinados players tenham acesso a certos dados.

Marcelo Yared, CIO do Banco Central do Brasil, aponta também algumas questões com relação à regulamentação da tecnologia - especialmente o âmbito dos serviços financeiros. “Transparência é bom, mas órgãos reguladores têm de cuidar de aspectos de liberdade e sigilo [de dados]”, aponta. O executivo conta também que dentro do Bacen já há algum tempo se observa a tecnologia, possibilidades de uso e o impacto que isso poderia trazer à sociedade.

Durante sua apresentação na conferência, ele apontou alguns prós e contras do uso de blockchain. “Ao mesmo tempo que tem-se aumento da resiliência, tem-se, por outro lado, uma governança mais complexa”, observa. Além disso, ele conta que há a segurança contra fraude, mas isso também pode representar dificuldade quando houver a necessidade de escalonamento.

Para ele, a tecnologia também está no auge da exploração e, como todo novo investimento, há a possibilidade de que muitos casos de uso não se concretizem. “Mas essa tecnologia não pode ser ignorada”, ressalta.

Quem também vem acompanhando de perto o tema é a Câmara Interbancária de Pagamentos (CIP), uma sociedade civil sem fins lucrativos criada por bancos em 2001 e que fornece soluções com foco no desenvolvimento do mercado financeiro. Na opinião de Joaquim Kavakama, presidente da instituição, o blockchain “é uma solução com grande potencial para resolver alguns problemas”, disse ele durante apresentação, ressaltando que ainda há muito a ser feito. “Todos estamos aprendendo, então não temos respostas específicas”, disse.

Kavakama cita, no entanto, que colaboração é crucial para o desenvolvimento dessa tecnologia de forma sustentável. “Se as regras não forem as mesmas para todos, não irá funcionar”, ressalta. E, por isso mesmo, é possível que demore um tempo para que a tecnologia se consolide. “Acredito que soluções que precisam que toda a cadeia se adeque [a elas] para que funcionem pode demorar mais de cinco anos [para adoção em massa]”, opina Osório. Para Alban-Salas, ter consenso é importante nesse caso, “porque é um esforço computacional”, complementa.

O item colaboração também é ressaltado por Rony Sakuragui, gerente de pesquisa e inovação do Bradesco, que comenta que, por ser recente, muitas empresas podem ter medo de investir. “É natural a tecnologia precisar de alguns anos para amadurecer, igualmente quando se fala de regulamentação. Não sabemos os próximos passos”, completa ele.

No caso do blockchain, no entanto, ficar na fronteira entre investir ou não tem seus riscos. “Espero até o final para ver o que acontece? Mas essa não é uma tecnologia que vou lá e adoto [e fim]”, argumenta. “[O processo de evolução da tecnologia] tem a ver com colaboração e ecossistema. Quanto antes entrar, maior a chance de influenciar e ajudar a criar esse ecossistema. Qual o preço para entrar depois? Não sabemos”, encerra.

No Brasil

Apesar de ainda parecer uma tecnologia insipiente, Robert Sagurton, diretor da R3 CEV, afirmou que o País está preparado para ser líder em blockchain. “Blockchain já é uma realidade, é o novo mundo, é trabalhar junto e fazer cada vez melhor”, observa.

A R3 é um consórcio de empresas financeiras que trabalham em uma iniciativa chamada Corda, que visa trazer uma solução baseada em blockchain para implementar infraestrutura de serviços oferecidos por esse segmento.

Para o executivo, o Brasil possui características únicas que o ajudarão a assumir posição na vanguarda da tecnologia, como redes de contatos, as quais já foram construídas e estão ativas; papéis e responsabilidades,



que já estão definidos; trabalho em conjunto com entidades governamentais e órgãos reguladores, que já estão envolvidos e há colaboração entre setores público e privado - características essas que ele cita como faltantes em outros países, como Estados Unidos, onde a empresa tem sede.

Veículo: FATOR BRASIL

Data: 21/09/2016

Link: http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=327769

RTM realiza Conferência Blockchain no auditório do Cubo



Como parte das iniciativas do Programa de Inovação Conecta RTM, foi realizada a conferência Blockchain reunindo especialistas no tema.

A RTM, maior provedora de serviços para integração do mercado financeiro, realizou no dia 14 de setembro (quarta-feira), no auditório do Cubo em São Paulo, a Conferência Blockchain, reunindo 135 pessoas entre gestores de TI e Telecom, autoridades, fornecedores, parceiros e startups.

O evento reuniu os palestrantes Edilson Osório, CEO da Original My, Robert Sagurton, diretor da R3 CEV, Marcelo Yared, chefe do departamento de Tecnologia do Banco Central, Joaquim Kavakama, superintendente geral da CIP; Rony Sakuragui, gestor de Pesquisa e Inovação do Banco Bradesco, Maurício Sallas, Chief Enterprise do Itau-Unibanco, além do diretor de inovação da Accenture, Guilherme Horn.

Em seu discurso de abertura, o diretor geral da RTM, André Mello, agradeceu a presença de todos e apresentou as iniciativas do programa de inovação Conecta RTM, lançado em agosto deste ano, com o objetivo de proporcionar um ambiente criativo para colaboração e troca de ideias através de um ecossistema cooperativo, gerando inovação que resulte em soluções para os clientes.

O primeiro expositor, Edilson Osório, CEO da Original My, fez uma breve introdução ao Blockchain, enfocando a história, o funcionamento, o conceito de descentralização das transações e governança.

Segundo ele, trata-se de um livro de registros público onde ficam armazenadas todas as transações efetuadas. Como infraestrutura de suporte, armazena de forma descentralizada os registros de transações que aconteceram na história, não depende de uma entidade central para funcionar, gerir ou definir regras; e está presente em todo o planeta.

Edilson destacou ainda o poder do blockchain para usos além da criptomoeda, surgindo como uma nova internet, autônoma, poderosa, capaz de gerir recursos financeiros e regras de negócio, melhorando a eficiência da governança, bem como o potencial do DLT, distributed ledger, de alterar o modelo de prestação de serviços financeiros.



O DLT possui grande potencial disruptivo aos serviços financeiros atuais, pois propõe total descentralização, imutabilidade, transparência e auditabilidade, gerando eficiência e redução de custos. Outro pilar é o consenso, que, em rede distribuída, possibilita controle de integridade.

Nada pode ser alterado ou removido, somente adicionado.

Centenas de empresas pelo mundo estão explorando as possibilidades que a nova tecnologia oferece como Slock.it, OneName, BitNation, Nasdaq e OriginalMy.com. “É uma transferência de confiança em um mundo desconfiado”.

Em sua exposição, Robert Sagurton, diretor da R3 CEV, afirmou que o Brasil está preparado para ser um líder em blockchain, pois possui características únicas: as redes de contatos já foram construídas e estão ativas, os papéis e responsabilidades estão definidos, entidades governamentais e órgãos reguladores estão envolvidos e há colaboração nos setores público e privado. “Blockchain já é uma realidade, é o novo mundo, é trabalhar junto e fazer cada vez melhor”.

O chefe do departamento de Tecnologia do Banco Central, Marcelo Yared, relacionou possíveis impactos da nova tecnologia no sistema financeiro: contratos inteligentes, atualizações em tempo real de títulos e juros, acesso múltiplo simultâneo, assimetrias eliminadas, atualizações em tempo real de garantias, movimentação de títulos e ativos em minutos, eliminação de intermediários em alguns tipos de contratos; e monitoração do regulador em tempo real.

Destacou as oportunidades e os riscos envolvidos: eficiência x falta de flexibilidade; agilidade x desempenho; transparência x falta de privacidade; redução de custos de observância e regulação x desrespeito às normas; resiliência x governança complexa; e segurança contra fraudes x escalabilidade.

Em resumo, o Banco Central está atento à nova tecnologia realizando estudos. “A hora é de observar e pesquisar. Todos os envolvidos têm muito a ganhar”.

Joaquim Kavakama, superintendente geral da CIP, iniciou sua apresentação falando que a Câmara acompanha o tema desde 2012. Em sua palestra, ressaltou a mudança de paradigma do cenário atual para a adoção do blockchain e listou os desafios da nova tecnologia, como falta de padrões, escassez de desenvolvedores, integração dos sistemas legados, escalabilidade, privacidade e segurança, gerenciamento de mudança, regulação ainda não definida, requerimento de compliance, interferência do governo, entre outros. Segundo ele, blockchain não mudará o mundo financeiro, mas resolverá muitos problemas atuais. A CIP ainda está em fase de experimentação com a tecnologia para depois decidir como e onde aplicá-la. “É preciso um ambiente regulatório apropriado para que a tecnologia possa ser 100% utilizada”.

Rony Sakuragui, gestor de Pesquisa e Inovação do Bradesco, apresentou argumentos sobre investimento em blockchain, citando como vantagens obter know-how, custo relativamente baixo e possibilidade de estabelecer parcerias em estado inicial, bem como influenciar no ecossistema a ser criado. Em contrapartida, pouco se sabe sobre a regulação para o setor e a tecnologia ainda permanece imatura, sem muitos cases em produção.

Citou os atuais investimentos em blockchain destinados a alocação de times internos, participação em consórcios, em empresas, parceiros e fornecedores.

Nas considerações finais, reforçou alguns pontos: há diversas formas de investimento em blockchain; grandes bancos e instituições financeiras têm investido, ainda que timidamente, na tecnologia; e a necessidade de preparar um time interno para atuar como conselheiro no tema. “Blockchain não é apenas adoção de tecnologia, é também associação colaborativa entre partes”.

Através do Programa InovaBra, o Bradesco tem duas startups focadas em blockchain.

Maurício Salas, Chief Enterprise do Itau-Unibanco, falou sobre os obstáculos para a adoção da nova tecnologia, como a inexistência de implementação de expurgo dos dados por conceito, o baixo número de transações confirmadas por segundo, confidencialidade dos dados, a não identificação do cliente que está transacionando, a indefinição de responsabilidade e possibilidade de atualizações em caso de problemas, tendo em vista a descentralização e imutabilidade. “Estamos no início de uma nova revolução tecnológica cujo impacto é muito significativo”.

Ao final do evento, o diretor de Inovação da Accenture Guilherme Horn foi mediador no debate entre os palestrantes e a plateia.

Veículo: FINTECH LAB

Data: 14/09/2016

Link: <http://fintechlab.com.br/index.php/2016/09/14/blockchain-na-1a-conferencia-do-conecta-rtm/>

Blockchain na 1ª Conferência do Conecta RTM



A RTM, maior provedora de serviços para o mercado financeiro, que conecta 500 instituições financeiras em 17 estados brasileiros, promoveu hoje, a primeira conferência do seu programa Conecta RTM.

E o tema foi Blockchain: principais conceitos e potenciais aplicações, casos de uso (inclusive além de criptocurrencies), implicações para os reguladores, implicações que a regulação pode trazer para as Fintechs, formas como as instituições financeiras estão colaborando e se desenvolvendo no tema, diferenciais que o ecossistema brasileiro apresenta que pode nos colocar na vanguarda do tema no mundo, desafios, oportunidades, enfim um

panorama completo e denso sobre a tecnologia e sua aplicação.

Presentes no CUBO, além da RTM, Original.my, R3, Banco Central, CIP, Itaú, Bradesco e Accenture.

O programa Conecta RTM (<http://bit.ly/2cf3s>) tem como objetivo fomentar grandes idéias, proporcionar um ambiente criativo para colaboração e troca de experiências, estimular e auxiliar o empreendedorismo, trazendo inovação.

A RTM é parceira da CETIP, CNSeg e Neoway, no programa do Darwin Starter 2016 (<http://bit.ly/2cxhWzM>).

Veículo: RELATÓRIO BANCÁRIO

Data: 22/09/2016

Link: <http://cantarinobrasileiro.com.br/blog/rtm-realiza-conferencia-blockchain-no-auditorio-do-cubo/>

RTM realiza Conferência Blockchain no auditório do Cubo



A RTM, maior provedora de serviços para integração do mercado financeiro, realizou na semana passada (14/9), no auditório do Cubo em São Paulo, a Conferência Blockchain, reunindo 135 pessoas entre gestores de TI e Telecom, autoridades, fornecedores, parceiros e startups.

O evento reuniu os palestrantes Edilson Osório, CEO da Original My, Robert Sagurton, diretor da R3 CEV, Marcelo Yared, chefe do departamento de Tecnologia do Banco Central, Joaquim Kavakama, superintendente geral da CIP; Rony Sakuragui, gestor de Pesquisa e Inovação do Banco Bradesco, Maurício Sallas, Chief Enterprise do Itau-Unibanco, além do diretor de inovação da Accenture, Guilherme Horn.

Em seu discurso de abertura, o diretor geral da RTM, André Mello, agradeceu a presença de todos e apresentou as iniciativas do programa de inovação Conecta RTM, lançado em agosto deste ano.

Em sua exposição, Edilson Osório, destacou o poder do blockchain para usos além da criptomoeda, surgindo como uma nova internet, autônoma, poderosa, capaz de gerir recursos financeiros e regras de negócio, melhorando a eficiência da governança, bem como o potencial do DLT, distributed ledger, de alterar o modelo de prestação de serviços financeiros.

Segundo Marcelo Yared, chefe do departamento de Tecnologia, o Banco Central está atento à nova tecnologia realizando estudos. “A hora é de observar e pesquisar. Todos os envolvidos têm muito a ganhar”.

O superintendente geral da CIP, Joaquim Kavakama, disse que a instituição ainda está em fase de experimentação com a tecnologia para depois decidir como e onde aplicá-la. “É preciso um ambiente regulatório apropriado para que a tecnologia possa ser 100% utilizada”.

Ao final do evento, o diretor de Inovação da Accenture Guilherme Horn foi mediador no debate entre os palestrantes e a plateia.

Veículo: EXECUTIVOS FINANCEIROS

Data: 22/09/2016

Link: <http://www.executivosfinanceiros.com.br/ti/ti/item/4056-confer%C3%A2ncia-sobre-blockchain-re%C3%BAne-especialistas-no-cubo.html>

Conferência sobre blockchain reúne especialistas no Cubo



Potencial disruptivo da tecnologia foi destacado, surgindo como uma nova Internet, autônoma e poderosa

A RTM, provedora de serviços para integração do mercado financeiro, realizou no dia 14 de setembro, no auditório do Cubo em São Paulo, a Conferência Blockchain, reunindo 135 pessoas entre gestores de TI e Telecom, autoridades, fornecedores, parceiros e startups.

O evento congregou os palestrantes Edilson Osório, CEO da Original My, Robert Sagurton, diretor da R3 CEV, Marcelo Yared, chefe do departamento de Tecnologia do Banco Central, Joaquim Kavakama, superintendente geral da CIP, Rony Sakuragui, gestor de Pesquisa e Inovação do Banco Bradesco, Maurício Sallas, Chief Enterprise do Itaú Unibanco, além do diretor de Inovação da Accenture, Guilherme Horn.

Em seu discurso de abertura, o diretor geral da RTM, André Mello, apresentou as iniciativas do programa de inovação Conecta RTM, lançado em agosto deste ano, com o objetivo de proporcionar um ambiente criativo para colaboração e troca de ideias através de um ecossistema cooperativo, gerando inovação que resulte em soluções para os clientes.

O primeiro expositor, Edilson Osório, CEO da Original My, fez uma breve introdução ao blockchain, enfocando a história, o funcionamento, o conceito de descentralização das transações e governança.

Segundo ele, trata-se de um livro de registros público onde ficam armazenadas todas as transações efetuadas. Como infraestrutura de suporte, armazena de forma descentralizada os registros de transações que aconteceram na história, não depende de uma entidade central para funcionar, gerir ou definir regras; e está presente em todo o planeta.

Edilson destacou ainda o poder do blockchain para usos além da criptomoeda, surgindo como uma nova internet, autônoma, poderosa, capaz de gerir recursos financeiros e regras de negócio, melhorando a eficiência da governança, bem como o potencial do DLT, distributed ledger, de alterar o modelo de prestação de serviços financeiros.

O DLT possui grande potencial disruptivo aos serviços financeiros atuais, pois propõe total descentralização, imutabilidade, transparência e auditabilidade, gerando eficiência e redução de custos. Outro pilar é o consenso, que, em rede distribuída, possibilita controle de integridade. Nada pode ser alterado ou removido, somente adicionado.

Centenas de empresas exploram a tecnologia

Centenas de empresas pelo mundo estão explorando as possibilidades que a nova tecnologia oferece como Slock.it, OneName, BitNation, Nasdaq e OriginalMy.com. “É uma transferência de confiança em um mundo desconfiado”.

Em sua exposição, Robert Sagurton, diretor da R3 CEV, afirmou que o Brasil está preparado para ser um líder em blockchain, pois possui características únicas: as redes de contatos já foram construídas e estão ativas, os papéis e responsabilidades estão definidos, entidades governamentais e órgãos reguladores estão envolvidos e há colaboração nos setores público e privado. “Blockchain já é uma realidade, é o novo mundo, é trabalhar junto e fazer cada vez melhor”.

O chefe do departamento de Tecnologia do Banco Central, Marcelo Yared, relacionou possíveis impactos da nova tecnologia no sistema financeiro: contratos inteligentes, atualizações em tempo real de títulos e juros, acesso múltiplo simultâneo, assimetrias eliminadas, atualizações em tempo real de garantias, movimentação de títulos e ativos em minutos, eliminação de intermediários em alguns tipos de contratos; e monitoração do regulador em tempo real.

Destacou as oportunidades e os riscos envolvidos: eficiência x falta de flexibilidade; agilidade x desempenho; transparência x falta de privacidade; redução de custos de observância e regulação x desrespeito às normas; resiliência x governança complexa; e segurança contra fraudes x escalabilidade. Em resumo, o Banco Central está atento à nova tecnologia realizando estudos. “A hora é de observar e pesquisar. Todos os envolvidos têm muito a ganhar”.

Joaquim Kavakama, superintendente geral da CIP, iniciou sua apresentação falando que a Câmara acompanha o tema desde 2012. Em sua palestra, ressaltou a mudança de paradigma do cenário atual para a adoção do blockchain e listou os desafios da nova tecnologia, como falta de padrões, escassez de desenvolvedores, integração dos sistemas legados, escalabilidade, privacidade e segurança, gerenciamento de mudança, regulação ainda não definida, requerimento de compliance, interferência do governo, entre outros.

Segundo ele, blockchain não mudará o mundo financeiro, mas resolverá muitos problemas atuais. A CIP ainda está em fase de experimentação com a tecnologia para depois decidir como e onde aplicá-la. “É preciso um ambiente regulatório apropriado para que a tecnologia possa ser 100% utilizada”.

Investimentos e vantagens trazidas

Rony Sakuragui, gestor de Pesquisa e Inovação do Bradesco, apresentou argumentos sobre investimento em blockchain, citando como vantagens obter know-how, custo relativamente baixo e possibilidade de estabelecer parcerias em estado inicial, bem como influenciar no ecossistema a ser criado. Em contrapartida, pouco se sabe sobre a regulação para o setor e a tecnologia ainda permanece imatura, sem muitos cases em produção.

O gestor citou os atuais investimentos em blockchain destinados à alocação de times internos, participação em consórcios, em empresas, parceiros e fornecedores. Nas considerações finais, reforçou alguns pontos: há diversas formas de investimento em blockchain; grandes bancos e instituições financeiras têm investido, ainda que timidamente, na tecnologia; e a necessidade de preparar um time interno para atuar como

conselheiro no tema. “Blockchain não é apenas adoção de tecnologia, é também associação colaborativa entre partes”, assinala. Através do Programa InovaBra, o Bradesco tem duas startups focadas em blockchain.

Maurício Salas, Chief Enterprise do Itaú Unibanco, falou sobre os obstáculos para a adoção da nova tecnologia, como a inexistência de implementação de expurgo dos dados por conceito, o baixo número de transações confirmadas por segundo, confidencialidade dos dados, a não identificação do cliente que está transacionando, a indefinição de responsabilidade e possibilidade de atualizações em caso de problemas, tendo em vista a descentralização e imutabilidade. “Estamos no início de uma nova revolução tecnológica cujo impacto é muito significativo”.

Ao final do evento, o diretor de Inovação da Accenture Guilherme Horn foi mediador no debate entre os palestrantes e a plateia.

Veículo: TI INSIDE

Data: 26/09/2016

Link: <http://convergecom.com.br/tiinside/26/09/2016/mercado-de-blockchain-exige-governanca-e-transparencia-para-crescer/?noticiario=TI>

Mercado de blockchain exige governança e transparência para crescer, dizem especialistas

Quase todas as instituições financeiras no mundo todo estão testando ou procurando entender melhor a adoção de blockchain. O mesmo acontece com as organizações no Brasil. No entanto, ainda não existe um consenso e nem uma plataforma tecnológica padrão, de consenso, que dê segurança e transparência e governança aos registros transações.

A tecnologia, que hoje tem como uma de suas aplicações mais populares a moeda virtual bitcoin, envolve muitas outras aplicações, tais como o registro de documentos, transações, direitos autorais e de outras naturezas, com garantia de temporalidade dessas operações. Esse assunto ganhou relevância no mercado financeiro brasileiro nos últimos meses.



Conferência Blockchain da RTM

A RTM, fornecedora de serviços para integração do mercado financeiro, realizou no auditório do Cubo, em São Paulo, a Conferência Blockchain, reunindo mais de cem executivos entre gestores de TI e de telecom, autoridades, fornecedores, parceiros e startups.

Em seu discurso de abertura, o diretor geral da RTM, André Mello, apresentou as iniciativas do programa de inovação Conecta RTM, lançado em agosto deste ano, com o objetivo de proporcionar um ambiente criativo

para colaboração e troca de ideias através de um ecossistema cooperativo, gerando inovação que resulte em soluções para os clientes.

Robert Sagurton, diretor da R3 CEV, consórcio que reúne mais de 40 instituições financeiras, inclusive as brasileiras Itaú, Bradesco e BMF Bovespa, afirmou que o Brasil está preparado para ser um líder em blockchain, pois possui características únicas: as redes de contatos já foram construídas e estão ativas, os papéis e responsabilidades estão definidas, entidades governamentais e órgãos reguladores estão envolvidos e há colaboração nos setores públicos e privado. "Blockchain já é uma realidade, é o novo mundo, é trabalhar junto e fazer cada vez melhor."

Recentemente doze novos bancos aderem ao consórcio R3 como membros: Banco Santander, Danske Bank, Intesa Sanpaolo, Natixis, Nomura, Northern Trust, OP Financial Group, Scotiabank, Sumitomo Mitsui Banking Corporation, US Bank, Westpac Bank e Bank of Montreal.

Rony Sakuragui, gestor de Pesquisa e Inovação do Bradesco, disse que a inovação faz parte do Banco, que criou o programa InovaBra, motivo pelo qual a instituição acompanha todo o movimento em relação ao

blockchain, buscando know-how, obter parcerias em estado inicial, bem como influenciar no ecossistema a ser criado. "Estamos sendo solicitados pelas áreas de negócios do Banco para fazermos apresentações sobre assunto."

O executivo disse ainda que há diversas formas de investimento em blockchain; que os grandes bancos e instituições financeiras têm investido timidamente na tecnologia. "Existe ainda a necessidade de preparar um time interno para atuar como conselheiro no tema Blockchain não é apenas adoção de tecnologia, mas também associação colaborativa entre partes."

O Bradesco está trabalhando com duas startups. A eWally, que está realizando um projeto piloto na comunidade de Paraisópolis, na capital paulista, que propõe o uso dos correspondentes bancários do Bradesco para a transferência de valores entre não correntistas, com toda segurança nas transações por meio de registros no blockchain. E a startup BitOne, que permite remessas internacionais de valores de forma mais rápidas e de menor custo utilizando a tecnologia. Ambas foram selecionadas pelo programa de inovação InovaBra.

Maurício Salas, chief enterprise do Itaú-Unibanco, disse que o interesse sobre blockchain partiu da própria direção, que solicitou uma apresentação para entender os desafios desse mercado. "Existem vários obstáculos para adoção da nova tecnologia, como a inexistência de implementação de expurgo dos dados por conceito, o baixo número de transações confirmadas por segundo, confidencialidade dos dados, a não identificação do cliente que está transacionando, a indefinição de responsabilidade e possibilidade de atualizações em caso de problemas, tendo em vista a descentralização e imutabilidade. Estamos no início de uma nova revolução tecnológica cujo impacto é muito significativo."

O executivo disse que está acompanhando iniciativas como a Argent, na qual participam instituições como Well Fargo, Bank of America, Merrill Lynch, RBS e Unicredit. E também o projeto Leia, da KYC, que reúne bancos como UBS, BBVA, Ing, Scotiabank, Societe Generale, entre outros.

Joaquim Kavakama, superintendente geral da CIP – Câmara Interbancária de Pagamentos explicou que a câmara acompanha o tema desde 2012. Em sua palestra, ressaltou a mudança de paradigma do cenário atual para a adoção do blockchain e listou os desafios da nova tecnologia, como falta de padrões, escassez de desenvolvedores, integração dos sistemas legados, escalabilidade, privacidade e segurança, gerenciamento de mudança, regulação ainda não definida, requerimento de compliance, interferência do governo, entre outros. Segundo ele, blockchain não mudará o mundo financeiro, mas resolverá muitos problemas atuais. A CIP ainda está em fase de experimentação com a tecnologia para depois decidir como e onde aplicá-la. "É preciso um ambiente regulatório apropriado para que a tecnologia possa ser 100% utilizada."

O chefe do departamento de tecnologia do Banco Central, Marcelo Yared, relacionou possíveis impactos da nova tecnologia no sistema financeiro: contratos inteligentes, atualizações em tempo real de títulos e juros, acesso múltiplo simultâneo, assimetrias eliminadas, atualizações em tempo real de garantias, movimentação de títulos e ativos em minutos, eliminação de intermediários em alguns tipos de contratos; e monitoração do regulador em tempo real.

Questionado sobre os impactos que a rede Swift poderá sentir em relação à adoção do blockchain, o executivo disse que apesar de hoje ela ser uma rede homologada, da qual inclusive participa o Banco Central, ela não é exclusiva. Yared disse que o Banco Central está atento à nova tecnologia realizando estudos. Uma possibilidade aventada seria a análise de projetos pilotos dentro de um conceito de Sandbox, onde a experiência poderia ser avaliada antes de ser aceita. No entanto alertou que a moeda virtual Bitcoin ainda é

vista com ressalvas pela seu uso obscuro (pagamento de sequestro de ramsoware). "A hora é de observar e pesquisar. Todos os envolvidos têm muito a ganhar", enfatiza.

Startup

Também participou do evento, Edilson Osório, CEO da startup OriginalMy, fez uma breve introdução ao blockchain, explicando que se trata de um livro de registros público onde ficam armazenadas todas as transações efetuadas. Como infraestrutura de suporte, armazena de forma descentralizada os registros de transações que aconteceram na história, não depende de uma entidade central para funcionar, gerir ou definir regras; e está presente em todo o planeta.

Ele destacou "o poder do blockchain para usos além da criptomoeda, surgindo como uma nova internet, autônoma, poderosa, capaz de gerir recursos financeiros e regras de negócio, melhorando a eficiência da governança, bem como o potencial do DLT (distributed ledger) de alterar o modelo de prestação de serviços financeiros".

O DLT possui grande potencial disruptivo aos serviços financeiros atuais, pois propõe total descentralização, imutabilidade, transparência e auditoria, gerando eficiência e redução de custos. Outro pilar é o consenso, que, em rede distribuída, possibilita controle de integridade. Nada pode ser alterado ou removido, somente adicionado. Os cartórios de registro de documentos também acompanham de perto o desenvolvimento do blockchain, que também pode trazer disrupção desse segmento de mercado.

"Centenas de empresas pelo mundo estão explorando as possibilidades que a nova tecnologia oferece como Slock.it, OneName, BitNation, Nasdaq e OriginalMy.com. É uma transferência de confiança em um mundo desconfiado", ressaltou Osório.